

AO LARGO DA VIDA
Novelas e esboços, 1898
Rainer Maria Rilke

Tradução ~ Isabel Castro Silva

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,
faz votos para que seja longo o caminho,
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



Ao largo da vida
Novelas e esboços, 1898
Rainer Maria Rilke

Título original: *Am Leben bin
Novellen und Skizzen*, 1898
1.ª edição: Fevereiro de 2017
© Ítaca, 2017

Tradução: Isabel Castro Silva
Revisão: Madalena Fragoso
Design: Susana Cruz
Capa e paginação: Ítaca
Imagem da capa: Creative Commons
Impressão: Europress

ÍTACA
CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 – 2.º D.º
1100-158 LISBOA
EDITORIAL@ITACA.PT
WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99470-9-2
DEPÓSITO LEGAL 420170/17

ÍNDICE

Festa em família	7
O segredo	19
Dia da morte	37
Velhos	45
A fuga	51
Kismét	59
Sorte branca	67
O menino Jesus	75
A voz	87
Todas numa só	95
Unidos	109

FESTA EM FAMÍLIA

Depois da missa, o pastor de Maria-Schnee desceu os quatro degraus do altar, voltou-se e sentou-se atrás do púlpito. Estava à procura de um lenço, por entre as muitas pregas dos seus paramentos, assoou-se com reverência produzindo um dó grave de órgão e começou: «Rezemos por Herr Anton von Wick, conselheiro imperial, que descansa no Senhor. Senhor, tem piedade do teu servo fiel Antonius...»

No primeiro banco levantou-se Herr Stanislau von Wick, o irmão do «servo fiel Antonius», falecido havia oito anos, e assoou-se comovidamente. Quando a missa por alma de Anton terminou, Herr Stanislau, como chefe de família, seguiu à frente, e atrás dele duas mulheres trajadas de negro soltaram-se dos bancos caídos na escuridão. Na rua, Stanislau estendeu o braço à irmã, a velha esposa do major Richter, e os restantes seguiram dois a dois. Ninguém falava. Os olhos de todos, que pareciam chorosos, estranharam a luz, e o cortejo bocejava de fome e aborrecimento. A família deveria comer em casa da filha do falecido Herr Anton, Frau Irene, viúva de Horn, nascida von Wick, e a mulher do major encetou um passo que contradizia a sua corpulência e cuja impaciência mal se coadunava com a pedante marcha fúnebre do seu irmão empedernido. Herr Stanislau reparou no movimento sensual

e terreno dos pés dela e disse à laia de admoestação:
«Pobre Anton.»

A mulher do major apenas acenou com a cabeça. Herr von Wick levantou então várias vezes os ombros estreitos e mostrou ao mesmo tempo a cara preocupada de quem está à escuta. Repetiu este movimento expressamente diante da porta da casa, diante de toda a família e por tanto tempo que Frau Irene perguntou nervosamente: «O que se passa contigo, tio?» Herr von Wick reuniu primeiro uma quantidade suficiente de resignação no seu rosto angustiado e gemeu então, repetindo apressadamente o movimento melindrado: «Estou muito empedernido – devo ter apanhado frio na igreja.» Frau Irene apenas assentiu com a cabeça, e a sua irmã Friederike murmurou, em tom da mais pungente abnegação: «Eu também.» Depois acercou-se delas a rapariga francesa com o filho da viúva Horn, um rapaz pálido de sete anos, e a pálida Friederike fez-lhe uma festa ligeira na fronte. Pensou para consigo: «Está tão pálido, de certeza que também apanhou frio.» Enquanto subiam os degraus da escadaria escura, confidenciou à irmã: «Oswald tem tosse.»

Foi só quando a família se sentou à mesa posta que cada um esqueceu o achaque que trouxera da missa por alma de Anton. Herr Stanislau von Wick tinha lugar entre a sua irmã e Friederike. O dignitário parecia querer compensar a excessiva ginástica dos ombros de há pouco com uma rigidez de ídolo. Olhou para lá da pessoa que tinha à frente, a velhinha Fräulein Auguste, a incansável tia da casa, de quem ninguém sabia o verdadeiro grau de parentesco, para o canto mais escuro da sala de jantar, onde dois cadeirões altos estofados de algodão ladeavam como que perplexos uma mesinha

demasiado pequena. Nesse momento Herr von Wick parecia tão terrivelmente ocupado como quando estava na sua chancelaria e alguém o incomodava na leitura do jornal. A faca forçara caminho até aos seus dedos endurecidos e aguardava que ele apusesse finalmente, como uma coroa de erva-borboleta, o nome «Stanislau von Wick» ao arquivo dos seus pensamentos momentâneos. Tudo em volta estava ciente deste importante momento e aguardava quase sem respirar. Só mais abaixo o pequeno Oswald remexia com a colher no seu caldo, com uma pressa retardada, e Auguste, que em todas as festas da família comia a seu contento nos três dias antes e nos três dias depois, ocupava-se com a solução da tarefa de falar tanto quanto comia. Colocava as palavras como um biombo diante do prato demasiado cheio, e a sua fantasia rivalizava com o estômago na missão de fazer a digestão. Estas complicadas actividades, entretanto, não a assoberbavam pouco, e uma vez por outra tinha de parar com ambas.

Durante uma dessas pausas, Herr von Wick chamou os seus olhos de volta dos cadeirões altos, deu-lhes um curto descanso na testa ensombrada da tia Auguste e enviou-os depois, com grande relevância, à dona da casa; a viúva Horn, que se sentia mais nascida von Wick, recebeu os emissários do seu tio com solenidade e sob o silêncio profundo dos que estavam sentados à volta. Pegou na faquinha da fruta, levantou-a fatigadamente até ao bordo do copo de vinho coroadado com um *W* e bateu uma vez. Esta pequena causa teve uma série de efeitos poderosos: todas as armas interromperam a sua pressa com maior ou menor alegria, e os guardanapos surgiram como bandeiras brancas parlamentares de diferentes colos e adejaram em sinal de tréguas e paz.

A francesa de olhos de coelho tirou a colher da mão do pequeno. «*Que veux-tu?*», murmurou a criança, e a Mademoiselle sussurrou com grande susto: «*Fais attention!*» Por entre estes ruídos, as primeiras palavras de Herr Stanislau perderam-se sem deixar rasto. Este soerguia-se agora um pouco e pressionava a gravata, para despertar o que jazia adormecido na sua garganta. Os seus olhos incolores procuraram os dois cadeirões: «Foi ali», disse ele e esperou que todos os olhares seguissem o seu comando, «que o meu pobre irmão Anton, Deus tenha piedade dele, entregou a sua alma há oito anos. As suas últimas palavras dirigiam-se ao bem-estar da nossa família. Sustentem-se e ajudem-se uns aos outros, disse-me ele um dia antes de morrer. E juntos e em paz, como ele desejava, celebramos hoje o oitavo aniversário da sua morte. Que Deus nos dê a força de celebrar a sua memória por muito tempo ainda, em sossego e com saúde; podemos ter a certeza de que o espírito do nosso irmão, ou do vosso pai», com as últimas palavras dirigiu-se à dona da casa e a Friederike, «ou avô», os seus olhos comovidos pousaram sobre Oswald, que silenciosamente e às escondidas apanhava migalhas de pão com os dedos húmidos, «paira como uma bênção sobre nós.» Cansado do esforço e da comção, Herr Stanislau sentou-se, mas sem se esquecer de afastar cuidadosamente as abas longas e negras do casaco. Ele dissera sempre mais ou menos o mesmo no aniversário da morte do irmão, e desde havia algum tempo só mudava o número sucessivo do ano. Mas as palavras, por serem usadas apenas uma vez por ano, mantinham uma certa frescura, e Herr von Wick parecia desempoeirar e moldar cada uma delas na boca antes de as pronunciar. Depois de todos os copos se terem

tocado e saudado com a circunspecção exigida, a pálida Friederike disse com uma tosse violenta: «O papá morreu neste cadeirão ou naquele?» E olhava para o canto com olhos semicerrados. A dona da casa considerou esta pergunta inconveniente e encolheu os ombros, Herr von Wick estava ainda demasiado enleado na sua comoção, a mulher do major mastigava com as bochechas cheias, de maneira que a resposta recaiu sobre a tia Auguste. Que não hesitou muito, passou a mão pela cabeça grisalha, como se quisesse despertar uma parte das suas recordações, e disse então, com heróica resolução: «Naquele.» Com este conhecimento preciso e cheio de piedade pretendia sempre provar a sua enigmática pertença à família. Seguiu-se um grande vaivém. Todos se levantaram e rodearam os cadeirões, observando-os. Por fim, também Herr von Wick se aproximou, acercou-se dos cadeirões e começou a tactear os espaldares. Depois informou os que esperavam atentamente: «Foi neste, a que falta um parafuso. Este aqui não tem um parafuso, logo, foi neste cadeirão que o meu irmão Anton morreu.» Todos se deixaram ainda ficar, como se esperassem que o cadeirão tivesse uma palavra a dizer. Como este permanecesse calado no seu mutismo impassível, regressaram aos seus lugares.

«Ali, no canapé amarelo, morreu a avó», constatou Friederike tossindo. E agora todos apontavam para os móveis onde um von Wick ou uma von Wick se haviam sentado em corpo enquanto as suas almas saíam à procura dos von Wick já partidos. Os últimos não eram poucos; e era uma grande vergonha ser cadeira em casa dos von Wick onde nunca ninguém tivesse morrido. Isso mesmo sentia poderosamente o cadeirão forrado de algodão ao lado do cadeirão onde morrera Herr Anton.

A pausa começava a alongar-se. A dona da casa deixou cair o dedo sobre a campainha eléctrica. – Enquanto os outros recontavam as últimas palavras e os últimos móveis e enquanto Friederike contava, com um sorriso cansado, como em todas as ocasiões e também nesta, que a avó von Wick exclamara qualquer coisa em francês antes de morrer, entrou o «velho Johann», que desde tempos imemoriais fazia parte do inventário sob este nome, e em equilíbrio precário sobre o soalho liso avançou com os lombinhos de veado. – O «velho Johann» havia muito que fora dispensado do serviço, recebia das diferentes gerações de von Wicks diferentes pensões e servia agora a título excepcional em aniversários de mortes particularmente importantes. Vestia então a sua velha e puída libré com botões de prata, que tinha as armas e a inscrição «*constantia et fidelitas*», enfiava enormes luvas brancas de algodão nas mãos gotosas e, neste fato, deambulava como um esqueleto vestido. Como uma folha murcha avançou até à ponta da mesa e colou-se a Irene, a viúva Horn. Os seus olhos meio cegos tiveram primeiro de se acostumar à meia-luz da sala de jantar, e só por instinto avançava ele com a terrina na direcção em que pressentia uma pessoa. Frau Irene fez rolar uma pequena porção do assado com grande esforço para o seu prato e recebeu como uma bênção o arroz das mãos trémulas do velho, de quem já o seu falecido pai e o seu falecido avô tinham recebido os lombinhos. Depois Frau Irene fez uma vénia reverente às luvas de algodão, e o velho Johann já lobrigava da sua perspectiva de pássaro o toucado violeta da mulher do major Richter, que revolveu a terrina com profunda compreensão. O grisalho criado começou então

a interessar-se por saber a quem poderia pertencer este toucado lá em baixo. Reflectiu por um momento, depois teve a convicção plena de que o toucado lilás haveria de pertencer a Frau Karoline von Wick, a honrada esposa do falecido avô Peter, e curvou-se com benevolente condescendência para a centenária, a que servira o último veado assado havia mais de trinta anos. Para o velho criado, mil anos eram como um dia, e sentiu-se muito feliz por ver Herr Peter em Herr Stanislau von Wick e o encontrar muito vigoroso mesmo em idade tão avançada. A cada novo passo, reconhecia um qualquer membro da família dos tempos do avô, e por isso não surpreendeu que ele saudasse o pequeno Oswald como sendo a imagem juvenil do tio Stanislau. As tremuras da terrina tinham qualquer coisa de frágil, lisonjeiro, quando a aproximou dos cotovelos aguçados da criança pálida. A maioria dos olhares seguia com cuidadoso desvelo os movimentos do velho, pois ele era um raro monumento e, por assim dizer, a encarnação dos restos terrenos de todos os von Wick já falecidos.

Com pés vacilantes, Johann contornou a mesa dos seus queridos mortos; só hesitara um pouco diante da francesa, pois de momento não conseguia atribuir nenhuma ocupação a essa pessoa de olhos vermelhos. Mas consolou-se com as constantes falhas da sua memória e limitou-se a retirar a terrina à Mademoiselle ainda antes de ela ter tirado o suficiente. A francesa olhou espantada em volta, mas evitou chamar a atenção e disse a Oswald: «Bubi, *tu as trop.*» Depois tirou muito tranquilamente uma porção do assado do prato do pequeno, que por um bom bocado olhou em frente com timidez e tristeza.